

## **NELSON PEDRO DA SILVA (UNESP – ASSIS/SP)**

### **Moral e diferença em Piaget**

Vivemos atualmente uma intensa crise de valores morais e éticos. Em linhas gerais, esse é o diagnóstico feito por parcela considerável de antropólogos, filósofos, psicólogos e sociólogos dedicados à análise da atualidade. Para outros, ao contrário, nesse momento, produzimos novas formas de viver e de se relacionar.

Independentemente da opinião de tais pensadores, o fato é que estamos vivendo em tempos de apologia da diferença. Em nome ou por causa dela, pesquisadores sociais têm buscado demonstrar que ela tem contribuído ou levado à produção das seguintes consequências, dentre outras: a) manutenção dos indivíduos privados do saber cultural erudito e de condição econômica privilegiada numa condição subalterna e de ignorância; b) reforço e produção de ações preconceituosas (justamente o que tal enaltecimento visava combater); c) não realização de atos junto às pessoas necessitadas de cuidados especiais, pois, afinal, são apenas diferentes e qualquer ação é, portanto, considerada normatizadora; d) decretação da morte dos grandes referenciais de análise, como o piagetiano, e) e, por fim, como decorrência, falência da moral.

Diante desse cenário, buscarei refletir sobre a noção de diferença, a partir da psicologia moral de Jean Piaget (1932/1994). Pretendo defender a tese que, embora não tenha sido objeto de estudo do emérito pensador, a noção de diferença é levada em consideração por ele, sem que isso signifique a impossibilidade de existência da moral.

Resumida e superficialmente, podemos considerar a moral como um conjunto de regras e valores que tem por finalidade possibilitar a vida societária. Nesse sentido, ela busca regular as relações entre as pessoas, de tal maneira que se possa viver harmoniosamente. Por causa disso, pode-se ter a impressão de que a teoria sobre a moralidade de Jean Piaget é contrária à legitimidade da afirmação da diferença e, como corolário, da idéia de desenvolvimento.

Penso, todavia, que Piaget evidencia exatamente o contrário. Ao demonstrar que a moral da autonomia só é possível de ser construída se se levar em consideração o outro (sem que isso signifique, necessariamente, agir de maneira igual), indiretamente, sublinha que os olhares e juízos amiúde são diferentes. Contudo, não considera que tais diferenças devem ser desprezadas, mas coordenadas. Nesse ponto, ele se coloca para além do respeito à diferença, pois a coordenação pressupõe exatamente a organização de esquemas, isto é, a concatenação de um conjunto de atividades e de idéias. Conclusão: a noção de coordenação de diversos pontos de vista não mata as diferenças e tampouco a moral; elementos centrais à existência e ao desenvolvimento da sociedade.